



Pinacoteca | A dualidade da representação feminina em “Retrato”, de Haydée Lopes Santiago

Jornal da Universidade | 2 de maio de 2024

Artes visuais | Anna Carolina e Dery Ohanna, bacharelandas em História da Arte, investigam as narrativas femininas de uma artista cuja trajetória é repleta de apagamentos

*Por: Anna Carolina e Dery Ohanna

*Foto: Acervo PBSA-UFRGS – Reprodução

O que era necessário para que uma artista alcançasse pleno reconhecimento no início do século XX? Seria possuir ateliê próprio? Participar de exposições? Receber prêmios importantes? Ter obras exibidas em eventos relevantes? Ou será que o casamento com um pintor seria a via mais rápida para esse destaque? Essas são algumas das questões com as quais nos confrontamos durante a pesquisa sobre a pintora [Haydée Lopes Santiago](#) (1856–1980).



Haydée Lopes Santiago passando verniz em um de seus quadros
Foto: Reprodução/Revista da Semana, n. 35, p. 21, Rio de Janeiro, 1925

Ana Paula Simioni, no livro *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras* (Edusp, 2008), destaca que, no século XIX, as mulheres conseguiram alavancar suas carreiras artísticas e tornar a arte seu sustento. Essa mudança foi impulsionada por fatores como contextos familiares favoráveis que proporcionam apoio financeiro e emocional, acesso à formação artística acadêmica e oportunidades que surgiam dessas circunstâncias.

No Brasil, elas só puderam se matricular como alunas regulares na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro, a partir de 1900. Antes disso, a educação artística era principalmente oferecida por meio de cursos livres e aulas em ateliês particulares.

Nesse contexto, a carioca Haydée, conhecida por suas cenas urbanas e naturezas mortas, passou parte de sua infância em Porto Alegre (RS). Sua aptidão para o desenho chamou a atenção de seus pais – entusiastas de arte. Decidiram então mudar-se para o Rio de Janeiro, visando investir em sua formação artística.

Lá, Haydée frequentou cursos livres na ENBA e foi aluna de [Modesto Brocos](#) (1852–1944) e [Rodolfo Amoedo](#) (1857–1941). Envolveu-se em exposições no Brasil e no exterior entre 1921 a 1966, expondo no [Salão dos Artistas Franceses](#) (1931) e no [1º Salão Feminino de Arte](#) (1931), além de realizar palestras sobre [vivências femininas](#).

Em Porto Alegre, participou de [exposições coletivas](#), dentre elas o 1.º e 2.º Salões de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1939 e 1940), nos quais recebeu medalha de prata e ganhou o prêmio Aquisição Cidade de Porto Alegre, com a obra [Flores](#) (1934) – integrada posteriormente à coleção da [Pinacoteca Barão de Santo Ângelo](#).

Haydée possuía um ateliê no Rio de Janeiro, onde, no início da década de 1920, [Eliseu Visconti](#) (1866–1944) ministrou um curso particular de pintura por três anos. Um de seus alunos foi o pintor manauense [Manoel Santiago](#) (1897–1987), que mais tarde se casou com a artista. Juntos moraram em Paris entre 1928 a 1932.



Fotografia da nota de uma exposição realizada por Haydée e Manoel Santiago
Fonte: Reprodução/Revista O Cruzeiro, ed. 25, p. 25, Rio de Janeiro, 1932

Apesar do reconhecimento entre seus pares, a história de Haydée é marcada por apagamentos. A maioria dos periódicos, entrevistas e catálogos encontrados a associam ao seu marido, resultando em uma escassez de informações sobre sua vida e obra. Além disso, os textos dedicados à pintora tendem a ser resumidos e incompletos, indo de encontro com os apontamentos do [artigo](#) de Paula de Souza Ribeiro.

No início do século XX, as artistas se depararam com diferentes desafios em busca de reconhecimento. Enfrentaram categorizações emitidas pelos críticos de arte e pelas instituições avaliadoras de suas obras e carreiras dentro da estrutura patriarcal dominante, como foi o caso de Haydée.

Neste caso, a designação da artista como “esposa de” exemplifica essa constante subjugação das mulheres no sistema em que estavam inseridas. Sua trajetória, assim como a de outras artistas, destaca a tendência histórica de priorizar as narrativas masculinas.

Embora haja poucos relatos da artista, em uma entrevista ao [O Jornal](#) (RJ) em 1926, Haydée expressou seu descontentamento com os cânones artísticos estabelecidos em gerações anteriores, alegando que tudo era demasiadamente convencional, desde as cores dos nus até o arranjo de paisagens. Essa perspectiva é especialmente refletida na obra [Retrato](#) (1934), também presente na coleção da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.



Imagem 3: Haydée Lopes Santiago (1856–1980), Retrato, 1934
Óleo sobre tela, 55 x 46 cm
Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Porto Alegre
Fonte: Reprodução/Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

De certa forma, a obra [Retrato](#) evoca como as mulheres foram retratadas ao longo da história da arte: uma figura feminina emerge em meio a riscos e apagamentos, carregando uma dualidade entre presença–ausência, reconhecimento–esquecimento.

[Anna Carolina Florentino](#) é aluna do curso de Bacharelado em História da Arte. Atualmente é bolsista PROBIC/FAPERGS e atua na pesquisa, catalogação e incorporação do acervo [Ângelo Guido](#) junto ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes, sob coordenação de [Paula Viviane Ramos](#).

[Dery Ohanna Bruna Heldt](#) é graduanda do curso de História da Arte. Atualmente participa dos grupos de pesquisa [Artistas, Historiadores e Críticos: uma perspectiva da arte no Brasil a partir de acervos artísticos e documentais](#) e [Artistas, Historiadores e Críticos: uma perspectiva da produção de artistas Sul-Rio-Grandenses a partir do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo](#), ambos coordenados por [Paulo Gomes](#).

Quinzenalmente, estudantes e pesquisadores apresentam obras da [Pinacoteca Barão de Santo Ângelo](#) a partir de diferentes aspectos. A seção tem curadoria de [Camila Monteiro Schenkel](#).

ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

INSTAGRAM

[jornaldauniversidadeufrgs](#)
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8 andar | Câmpus Centro | Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 91000-060

☎ (51) 3308.3368

✉ jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)